

História da donzela Teodora: uma narrativa de transgressão feminina em direção ao reino da alma selvagem

Luciana Carlos Celestino – UNP

RESUMO

Ao adentrar o mundo da literatura com a história da Donzela Teodora e o universo do mito, com as histórias de Lilith, Eva, Pandora, Psique e Cheherazade, percebemos um processo similar, arquetípico: é preciso um ato transgressor para que uma nova ordem se estabeleça. A mulher aparece no cerne desse movimento, pois figura como o princípio da criação, da inquietação e, portanto, da continuidade da vida. Este processo, que significa o desenvolvimento do conhecimento e da individuação no ser humano, se dá miticamente através da tríade: curiosidade (pelo que está interdito) – transgressão de normas – obtenção do conhecimento. Este movimento de desorganização causado pela curiosidade, transgressão e domínio do conhecimento implica nos mitos aqui abordados sofrimento, perdas e punições para seus atores. A maturação psíquica e o domínio do próprio destino só parecem ser alcançados a custo de muito esforço e superação de obstáculos. A narrativa da donzela Teodora é tomada como fio condutor desta pesquisa porque a transgressão, personificada pela própria Donzela, mulher que, apesar de detentora de todo conhecimento, ao contrário dos outros mitos relatados, não é punida, mas exaltada. Teodora aparece como uma personagem emblemática que transita pelo mundo feminino – pela alma, desordem que cria – e pelo mundo masculino – pelo ânimo, que põe em ação a força de realização. Pode ser entendida como uma expressão da totalidade psíquica do ser humano, sua androginia fundamental.

Palavras-chave: Mulher. Curiosidade. Transgressão. Conhecimento. Androginia.

RESUMÉ

Au seuil du monde de la littérature, avec l'histoire de la Pucelle Teodora, et l'univers du mythe, avec les histoires de Lilith, Ève, Pandore, Psychée et Cherazade, on aperçoit un processus similaire, archétypique: il faut un acte transgresseur pour qu'un nouvel ordre s'établisse. La femme apparaît dans le cerne de ce mouvement, car elle figure comme le principe de la création, et de l'inquiétude et, donc de la continuité de la vie. Ce processus, qui signifie le développement de la connaissance, de la individuation dans l'être humain, se fait mythiquement à través la triade: la curiosité (pour ce qui est inderdit) – la transgression de normes – l'obtien de la connaissance. Ce

mouvement de désorganisation, causé par la curiosité, la transgression et le domaine de la connaissance, implique, dans les mythes abordés ici, la souffrance, les pertes et la punition pour ses acteurs. La maturation psychique et le domaine du propre destin n'est peut être acquis qu'après beaucoup d'efforts et de la supériorité d'obstacles. La narrative de la pucelle Teodora est prise comme le fil conducteur de cette recherche parce que la transgression, personnifiée par la pucelle, comme une femme qui détient toute la connaissance, au contraire des mythes ci-dessus, elle n'est pas punie, mais exaltée. Teodora apparaît comme un personnage emblématique, qui circule dans le monde féminin – par l'anima, du désordre qu'elle crée, et dans le monde masculin – par l'animus, qui met cette force en réalisation. On peut la comprendre comme une expression de la totalité psychique de l'être humain, son androgynie fondamentale.

Mot-clés: Femme. Curiosité. Transgression. Connaissance. Androgynie.

ANARRATIVA

*A Donzela Teodora é a valorização
da inteligência feminina.*

Cascudo

Partindo de uma curiosidade, nos indagamos o porquê de, na maioria dos mitos, a mulher figurar como o personagem transgressor e punido? A história da Donzela Teodora e sua forma brasileira em cordel serve a esta reflexão como uma trilha a ser percorrida em meio ao universo da curiosidade e transgressão femininas. Esta narrativa traz à tona um dos arquétipos mais temidos e mais presentes no imaginário humano de todos os tempos: a mulher sábia, *La que Sabé*, como a chamou Estés (1997).

Nesta, como em outras narrativas, tratadas aqui como mitos ou operadores cognitivos baseados em formas simbólicas de pensar, a imagem da mulher relacionada ao saber, seja de qualquer ordem, aparece de variadas formas, porém sempre semelhantes. A mulher transgressora é personagem fundamental no desenrolar dos acontecimentos abordados e sem ela estes mitos não se dariam.

A História da Donzela Teodora conta como uma donzela escrava, mas muito sábia, consegue salvar da miséria seu dono, um mercador rico e famoso, ao vencer os três maiores sábios do reino. Câmara Cascudo em sua obra *Cinco livros do povo* (1953), aponta a origem dessa história no conto das *Mil e uma noites*, a *Docta simpatia*. Ele é nossa maior fonte de informações a respeito da história da Donzela

Teodora, que chegou ao Brasil por volta do século XVIII e tornou-se um cordel muito famoso e lido até os dias de hoje.

Cascudo acena como fator de permanência e sucesso dessa história sua identificação junto ao leitor. Segundo ele, há nos contos populares, em todas as partes e em todas as épocas, a figura da heroína recorrente, moça inteligente e viva que, evitando ciladas, castigando erros, respondendo enigmas, se salva e a outros e ainda casa-se bem. Estas heroínas, encontradas em ciclos europeus, africanos e americanos, salvam o pai, defendem irmãs, guardam a castidade e ainda conquistam noivo. Alguns exemplos podem ser encontrados nos contos dos irmãos Grimm, nos contos populares russos, espanhóis e portugueses.

Uma constante nesses contos é o jogo das adivinhações proposto à heroína e por ela solucionado. No entanto, o estilo e o enredo encontrados na história da Donzela Teodora apresentam sinais que mostram claramente sua origem oriental. “A moça entre os doutores não aparece na literatura oral ocidental em documento do meu conhecimento”, atesta Cascudo (1953, p. 52). Esta disputa intelectual é característica de uma das mais populares tradições do Oriente Médio, “irradiando-se do Egito”, provavelmente fazendo eco aos enigmas da Esfinge. Estas histórias em que figuram Teodoras salientam, cada uma a seu modo, uma ou outra de suas particularidades, mas o motivo essencial do conto permanece: a mulher que vence os sábios numa disputa de conhecimento.

Trazemos alguns mitos de mulheres curiosas que foram punidas por sua curiosidade e transgressão como Lilith, Eva, Pandora e Psique. Enquanto Lilith não se submete à norma imposta por Deus Pai e seu filho Adão, tornando-se assim um demônio livre, Eva serve aos propósitos divinos da procriação, mas apenas até sua curiosidade sobre o bem e o mal ser desperta, depois disso são expulsos ela e Adão do paraíso e tornados meros mortais sofredores. Pandora e Psique pagam muito caro por sua curiosidade quanto ao conteúdo de uma caixa da qual são portadoras. A primeira é responsável por todas as mazelas do mundo, punindo a si e ao resto da humanidade por querer ver o que lhe era proibido. Psique quase perde para sempre o amor de Cupido, por duas vezes desrespeitar as normas e ser curiosa. Primeiro, tenta ver o rosto do amado, depois abre a caixa que trazia para Afrodite. Todos mitos de punição à mulher curiosa e transgressora.

Num paralelo à história da Donzela Teodora, observamos que, se nesses mitos as personagens sofrem e são punidas até com a morte por sua curiosidade, pelo ato da transgressão ou por deterem alguma forma de conhecimento, na narrativa de Teodora são exatamente estas características que fazem dela a vencedora. Então, juntamos à nossa indagação primeira a pergunta: por que a história de Teodora é diferente das outras que tratam da relação mulher/conhecimento? Por que Teodora não é punida, mas exaltada por seu saber?

A TRANSGRESSÃO

O que nos for proibido é o que desejaremos.

Chaucer

Tendo em vista a definição de curiosidade dada por Shattuck (2000) como uma característica que nos torna humanos e não divinos, partimos em direção a relação mulher/conhecimento proibido/curiosidade/transgressão. Lévy-Strauss (1982), Bourdieu (1999) e Edgar Morin (1999) são convidados a dialogar sobre a questão da interdição à mulher, e compreendemos que a mulher é a curiosa e transgressora primeira porque é a ela que o saber é interdito, pois que ela é a interdita primeira.

Para Bourdieu (1999) o princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, é confirmado por um sistema entendido como mítico-ritual. Sistema este que parte da dessimetria fundamental – a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento – e que se apresenta na divisão de todo o universo. Esse processo se instaura entre o homem e a mulher “no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial” (p. 55).

Lévy-Strauss (1982) aponta o tabu do incesto como o interdito social fundamental que não se restringe ao âmbito da sexualidade, mas se mostra como aspecto da linguagem, de um complexo sistema simbólico de trocas. Assim relaciona a exogamia à linguagem tendo a mulher como fio de ligação.

No entanto, Bourdieu (1999) lembra que a leitura estritamente semiológica, onde se concebe a troca de mulheres como relação de comunicação, acaba por ocultar a dimensão política da transação matrimonial, relação de força simbólica que visa conservar ou aumentar esta força simbólica. Já a visão meramente economicista, que trata a troca de mulheres como apenas uma troca de mercadorias, deixa escapar a ambigüidade essencial da economia de bens simbólicos. Esta se orienta pela acumulação do capital simbólico: a honra, e transforma diferentes materiais brutos, especialmente a mulher, em dons, ou seja, em signos de comunicação que são sempre instrumentos de dominação.

No diálogo matrimonial dos homens, nos diz Lévi-Strauss (1982), a mulher nunca é puramente aquilo de que se fala, porque se as mulheres em geral representam uma certa categoria de sinais, “destinados a determinado tipo de comunicação, cada mulher conserva um valor particular, proveniente de seu talento, antes e depois do casamento, de desempenhar sua parte num dueto” (p. 537).

Se construirmos uma ponte entre o que pensa Lévy-Strauss (1982) e Morin (1999), obteremos uma luz sobre o fato da transgressão estar presente nos mitos em grande parte através da ação de uma

mulher. Lévy-Strauss nos fala do interdito primeiro da cultura cair sobre a mulher, ou seja, o tabu do incesto, por ela ser o primeiro código na lei das trocas. Por sua vez, Morin nos esclarece quanto ao conjunto de normas e tabus que a sociedade e a cultura imprimem e que, até certo ponto, nos impedem de obter conhecimento.

Podemos concluir que a cultura acabou por atribuir à mulher o uso do conhecimento associado ao mal e à transgressão. Ambos passíveis de se entender por desorganização de normas que moldam e mantêm organizadas as sociedades humanas. Nessa lógica, acredita-se que mantendo a mulher longe do conhecimento, do saber, da consciência de si e do mundo, perpetua-se com maior facilidade sua submissão ao 'bem' (em oposição ao mal) e à ordem social instituída (em oposição à desordem reorganizadora). Não porque seja o conhecimento em si o fator gerador de conscientização, mas porque o desejo de conhecer gesta a possibilidade de transgressão e essa, por sua vez, uma nova ordem que provém dessa desorganização.

Portanto, o grande interdito não é apenas ao conhecimento, ou apenas da mulher a ele, mas especificamente à criação. E, em consequência, se interdita a mulher, pois é ela a personificação de toda a criação, devido a esta ampla associação que se estabeleceu entre ela e o domínio da natureza. Impede-se a geração do novo porque significa a desordem criadora, temida pela ordem cultural, fonte de resistência e tentativas de disciplinamento e controle social (FOUCAULT, 1979).

As protagonistas (mesmo que anônimas) desse processo são quase sempre mulheres, porque a elas o interdito é mais arraigado. Cada tempo histórico e sociedade estabelecem seus ideários sobre o ser homem e o ser mulher, ideários de masculinidade e de feminilidade. No entanto, ao longo de toda a história da humanidade, foram os homens e não as mulheres, os autorizados a escrever a história de nossas sociedades e a prescrever as condutas sociais.

Poucas foram as mulheres que tiveram condições de burlar essa estrutura a ponto de conseguir trazer à tona a história das mulheres narrada por elas mesmas. Essa parece ser uma das principais razões porque as mulheres são culturalmente mais interdidas que os homens. A luta pela legitimidade de sua própria voz ainda está em curso.

Assim, todo o tabu em torno da mulher faz dela objeto de desconfiança e, portanto, de marginalização e temor. Além de primeiro objeto simbólico de troca, a mulher figura como a personificação da criação, que só se dá pela quebra, morte de algo, ou seja, ela é o princípio da desorganização geradora. Assim, estes autores dialogam em face da questão da posse do conhecimento como forma de domínio, diante do mistério da transgressão como dissolução de velhas ordens para o nascimento de novos aspectos da cultura e da sociedade. Só ultrapassando o interdito, que existe com o único fim de ser transgredido, um novo mundo é criado, um mundo de recriação constante da cultura e de mais conhecimento.

A DIREÇÃO

Decifra-me, ou te devoro.

Bulfinch (2002)

Com a história da Esfinge é possível compreender que, assim como a mulher, o conhecimento não pode ser limitado ou sofrer qualquer tipo de imposição, e sim, deve ser deixado livre para mover-se e modificar-se ao sabor do desenvolvimento e da criação intelectual. Se não, estará fadado à morte. Há que se levar em conta tanto a reflexão como a divagação, assim como a aplicabilidade prática do conhecimento. O mito da Esfinge é outro exemplo do uso ou posse do conhecimento. Nele, o ser mítico figura como o portador, a personificação do conhecimento último ao qual Shattuck (2000) relaciona à ciência em sua aplicação na vida prática.

Uma antiga narrativa egípcia conta que a Esfinge era um ser estranho, com corpo de leão e cabeça de mulher, detentora de todos os segredos, que espreitava as estradas de Tebas e, aos que abordava impunha uma condição: decifrar um enigma. O terror, assim, assolava Tebas, até que seus moradores resolveram oferecer o trono da cidade ao homem que solucionasse os enigmas da Esfinge, pois que era a única maneira de vencê-la. Tal prêmio acabou por atrair Édipo, homem de sabedoria e astúcia, mas coxo de nascença. Ele decifrou o enigma e matou a Esfinge.

Neste rumo, a história da Donzela Teodora passa a adquirir novas nuances em face do já apresentado e quando fazemos relação com a história do Barba-azul. Esta narrativa conta a quase morte da sua esposa por causa da curiosidade. O Barba-azul vai viajar e recomenda à mulher que ela pode fazer o que quiser, abrir qualquer porta com o molho de chaves que lhe entrega, mas não deve usar uma pequena chavinha decorada por arabescos. Ela, então, convida suas irmãs mais velhas a visitá-la e elas sentem, “como todo mundo, muita curiosidade a respeito das instruções do dono da casa quanto ao que deveria ser feito enquanto ele estivesse fora” (ESTÉS, 1997, p. 59).

Depois de abrirem todas as portas dos três andares do castelo, elas se depararam com uma pequena porta para a qual a chavinha servia. Ao abri-la, encontram uma enorme poça de sangue e muitos ossos enegrecidos. São os corpos das esposas anteriores do Barba-azul. A chavinha que abria a porta, então, começa a sangrar sem parar e, por esse motivo, o erro da irmã é descoberto. O desejo de saber, a curiosidade, gera movimento e criação. Se não abrisse a porta, a esposa do Barba-azul nunca teria enfrentado a morte e renascido mais sábia e experiente. Porém, alcançar essa dádiva do saber não é, na

maioria dos contos e mitos, uma tarefa fácil, é um processo de sofrimento, dor e perda que gera novas realidades, processo que Clarisse Pinkola Éstes (1997) aponta como a Individuação. Para Jung (apud SILVEIRA, 1994, p. 92) a Individuação é um processo de ordenação do consciente e do inconsciente em torno do Self (si-mesmo), como o “conhecer-se a si mesmo” que pregou Sócrates.

Estés, ao narrar esta história, trás à discussão a importância do ânimo em ação na mulher, que promove a concretização dos sonhos, o aspecto que torna completo e sadio o psiquismo da mulher. Ela o chama Alma da Mulher Selvagem presente em cada um de nós. Um processo que começa ao se ouvir a voz de *Lá Que Sabé* e implica em autoconhecimento, o maior conhecimento que um ser humano pode possuir. A alma da Mulher Selvagem de que nos fala Estés vem à tona nos mitos através de ferramentas-símbolos como a caixa ou pote de Pandora e Psique, ou como ‘chaves’ para enigmas, para perguntas ou para abrir portas.

A chave é um símbolo muito recorrente nos contos e mitos do mundo, nos lembra Estés (1997). Assim como no conto do Barba-azul a chave é a saída para a mulher ingênua, na história da Donzela Teodora as respostas corretas são as chaves para a salvação dela e de seu dono. Elas abrem as portas da liberdade de escolha para ela e a sobrevivência do mercador. A chave do conhecimento é a arma que Teodora dispõe para vencer o verdadeiro duelo intelectual que trava com os sábios. Ela figura, em última instância, como um exemplo para as mulheres que se portam como presas ingênuas das circunstâncias e, nos termos morianianos, do *imprinting* da cultura (MORIN, 1999). É como se sua história gritasse a cada página “esta é a força da mulher, seu conhecimento de alma, as sete artes liberais!”. Nos fazendo lembrar da velha forma de se referir a algo muito escondido, como um “segredo guardado a sete chaves”.

Na história de Teodora encontramos uma forma de transgressão diferente porque ela não sofre nenhuma dor ou perda na busca das chaves, das respostas para as perguntas dos sábios, seu desafio é facilmente cumprido. Não estaria ela por isso mesmo mais próxima dessa potência, do arquétipo da Mulher Selvagem de que nos fala Estés?

Como “a mulher mais sábia do mundo”, Teodora aparece como aquela que tem todas as respostas para todas as perguntas. No mínimo, ninguém além dela tem tanto conhecimento e, com isso, só ela mesma detém as chaves para sua própria vida. Teodora figura como uma face do arquétipo da mulher sábia. Arquétipo entendido no sentido junguiano, como possibilidade herdada para representar imagens similares, forma instintiva de imaginar (SILVEIRA, 1994). Podemos afirmar que sua história sinaliza para a possibilidade da desconstrução da ordem normatizadora vigente, que esta narrativa coloca-se como um contra-discurso que busca reverter a situação de interdito da mulher em relação a alguns campos do conhecimento, em especial daqueles onde o predomínio é masculino.

A personagem Teodora controla o próprio destino através de seu saber, pois as respostas que dá aos sábios são irrefutáveis uma vez que resultantes de um trabalho de reflexão e não do mero acúmulo de conteúdos memorizáveis. Além do que, ela pega seus adversários de surpresa e, como achava Cascudo (1953), é justamente sua inesperada sabedoria que a torna uma heroína invencível, pois a simpatia popular por Teodora “nasce da vitória inesperada, da refutação irrespondível aos mestres que julgavam o combate fácil e a adversária insignificante” (CASCUDO, 1953, p. 54). Confiantes, seus adversários não esperavam que uma mulher pudesse deter o conhecimento interdito a seu sexo, objeto tido como exclusivo do mundo masculino.

O REINO DA ALMA SELVAGEM

Conhece-te a ti mesmo.

Sócrates

A história de Cheherazade vem complementar estes pensamentos através de uma impressionante narrativa de estratégia feminina. Segundo Galland (2002), o prólogo das *Mil e Uma Noites* narra a história de uma mulher que tem como propósito mudar a lei mortífera do sultão e salvar a vida das mulheres de seu reino, pondo em risco sua própria existência. Cheherazade resolve acabar com um ciclo sem fim de assassinatos de mulheres pelo sultão Chahariar propondo casar-se com ele. Como sabia que na noite seguinte à lua-de-mel ele assassinava suas esposas, Cheherazade desenvolve uma forma de adiá-la ao máximo. Durante mil e uma noites ela conta histórias que se sucedem sem fim, adiando assim sua morte. Ao fim da narrativa o sultão apaixonou-se por ela e tudo acaba bem. Assim como Teodora, Cheherazade personifica a quebra de uma estagnação, pois o rei ia morrer sem um herdeiro, e instaura uma nova ordem através da criação.

Dentro desse raciocínio olhamos de outro modo a história de Cheherazade e de Teodora. Enquanto a primeira esforça-se por salvar-se, ao reino e ao sultão, contando histórias, Teodora salva seu dono e obtém o direito de escolha sobre si mesma através de sua sabedoria. Podemos, então, ver claramente que é a forma de conseguir a vitória que faz destas duas histórias, e em especial a da Donzela Teodora, narrativas impressionantes.

É a estratégia de Teodora, que também observamos em Cheherazade, que faz com que ela seja exaltada e não morta, ou marginalizada. E o maior dos prêmios obtidos por ambas é a liberdade interior, o direito da escolha, muito bem simbolizado na história de Teodora por sua opção de ficar com seu dono e não com o Rei.

Em todos estes mitos observamos algo em comum: a capacidade humana, em especial da mulher, de transgredir normas. Seja para o bem ou para o mal, nos mitos aqui apresentados, são as mulheres as responsáveis pela quebra de ordens, gerando novas realidades.

E, ao fim desse caminho, encontramos-nos novamente com novas e desafiadoras encruzilhadas que nos prepara o mito sempre que procuramos alcançá-lo. E descobrimos, tanto na história da Donzela Teodora, como em sua própria protagonista, a força insubmissa do princípio feminino. Em paralelo com outros mitos, observamos reflexos distorcidos de uma mesma história, que reverbera ao longo dos séculos, mantendo o arquétipo vivo e presente. Compreendemos o universo das mulheres curiosas que, impedidas de saber, transgridem normas e quebram tabus em busca de sua própria luz, de sua própria alma. Neste movimento, acabam por inaugurar novas realidades, mesmo a custa de castigos e punições.

O emergir por entre as brechas deixadas pela cultura possibilita ao interditado, aqui representado pela mulher, romper com o instituído. Assim, encontramos na narrativa de Teodora a valorização, mesmo que inconsciente, do papel desempenhado pela mulher transgressora, como revalorização da androginidade humana, ou seja, do princípio feminino como aspecto complementar do princípio masculino no processo de equilíbrio e tensão da psique humana. Razão e imaginação, *sapiens e demens*.

Teodora representa sim essa potência psíquica insubmissa, a alma da Mulher Selvagem, em que dialogam alma, o desejo, a criação, e ânimus, a ação, a força motora que torna concreto este desejo. Processo que deve se dar primeiro internamente (Individuação), conhecendo-se a si mesmo, deixando falar a alma da mulher Selvagem, a detentora das chaves, a que abre todas as portas do domínio sobre si mesmo, o maior de todos os conhecimentos. Este é o conhecimento da Donzela Teodora.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**: a idade da fábula: histórias de deuses e heróis. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CASCUDO, L. da C. **Cinco livros do povo**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1953.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALLAND, A. **As mil e uma noites**. Tradução de Alberto Diniz; apresentação de Malba Tahan. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

MORIN, E. **O Método III**: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

PLATÃO. Diálogos I: **Mênnon, Banquete, Fedro**. Tradução de Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

SHATTUCK, R. **O conhecimento proibido**: de Prometeu à pornografia. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

SILVEIRA, N. da. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.